

LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

Ronyere Ferreira

Graduando em História e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/UFPI.

Francisco Oliveira

Graduando em História e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/UFPI.

Vilmar Aires

Mestre em Educação, professora da Universidade Federal do Piauí, e coordenadora da área de História PIBID/UFPI.

RESUMO: Este artigo realiza uma análise reflexiva sobre o ensino de história na educação básica, assim como propõe a produção de textos característicos da literatura de cordel como resultado de um projeto didático. As ponderações aqui desenvolvidas originaram-se em experiências enquanto atuantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/UFPI com estudantes da rede pública de ensino, utilizando esta técnica em sala de aula. Nesta tarefa dialogamos com autores como CABRINI (2000), MICELI (2006), BOTELHO (2012), FONSECA (2003), dentre outros. Como resultado, destacamos a possibilidade de diversificar e melhorar o ensino de história a partir da abordagem de metodologias que quebrem o monopólio didático do manual.

Palavras-chave: História; Ensino; Literatura de cordel.

RESUMEN: En este artículo se presenta un análisis reflexivo de la enseñanza de la historia en la educación básica, así como propone la producción de textos propios de literatura del cordel, como resultado de un proyecto educativo. Las ponderaciones desarrollados aquí se originó en experiencias mientras actúa el Programa Institucional de Iniciación de subvención para la enseñanza – PIBID/UFPI con estudiantes de escuelas públicas, utilizando esta técnica en el aula. En esta tarea nos diálogo con autores como CABRINI (2000), Miceli (2006), Botelho (2012) FONSECA (2003), entre otros. Como resultado, destacamos la posibilidad de diversificar y mejorar la enseñanza de la historia comenzando por el enfoque de la metodología para romper el monopolio del manual de enseñanza.

Palabras clave: Historia; Educación; Literatura del cordel.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, parece unânime o discurso sobre a necessidade de criarmos ou colocarmos em prática novas metodologias de ensino na educação básica. Um modelo tradicional baseado na negação da autonomia dos estudantes durante o processo de ensino/aprendizado mostrou-se infrutífero. Em meio aos ecos sobre a calamidade atual do ensino, em que todas as áreas de licenciatura exigem por reformulações metodológicas, qualquer fracasso oriundo de uma tentativa de mudança não parece trazer dano algum, pois, segundo Cabrini (2000), torna-se algo difícil imaginar a situação da educação pior do que já está.

Perante os frequentes desenvolvimentos tecnológicos e os novos interesses despertados por novas demandas sociais, criou-se como meta a consolidação de professores e estudantes autônomos, capazes de produzir conhecimento e não aterem-se exclusivamente aos livros e diretrizes oficiais. Contudo, apesar do inquestionável e frequentemente divulgado caos didático do aparelho de instrução formal brasileira, não será aqui proposto – e nem aparenta racionalidade – uma extinção dos recursos e metodologias de ensino até então existentes e predominantes, nem mesmo do “odiado” livro didático, este que é desprezado verbalmente por docentes que, muitas vezes, vivem a repetir lições bem semelhantes às de outrora. Professores que

[...] anseiam pela chegada dos profetas do “novo” ensino que – afinal!- vão dizer a eles o que e como ensinar nas aulas de história. Enquanto isso a questão de fundo continua sendo o para quê, por quê e para quem esse ensino pode ter algum tipo de serventia, e a escola prossegue sendo o espaço privilegiado de conhecimentos inúteis, o que – para o bem ou para o mal – não é atributo apenas das aulas de história. (MICELI 2006:36)

Considerando-se que esperar pela providência divina pode ser um tanto incerto, este artigo trata-se de uma proposta metodológica: produzir literatura de cordel, de forma metódica, juntamente com estudantes da educação básica, partindo do pressuposto de que uma das melhores formas de se ter ciência dessa matéria é possibilitando a transformação dos discentes em seres ativos no processo de aprendizagem, anseio que esta metodologia parece suprir, ainda que parcialmente. O uso deste procedimento didático pelos professores faz destes, assim como dos

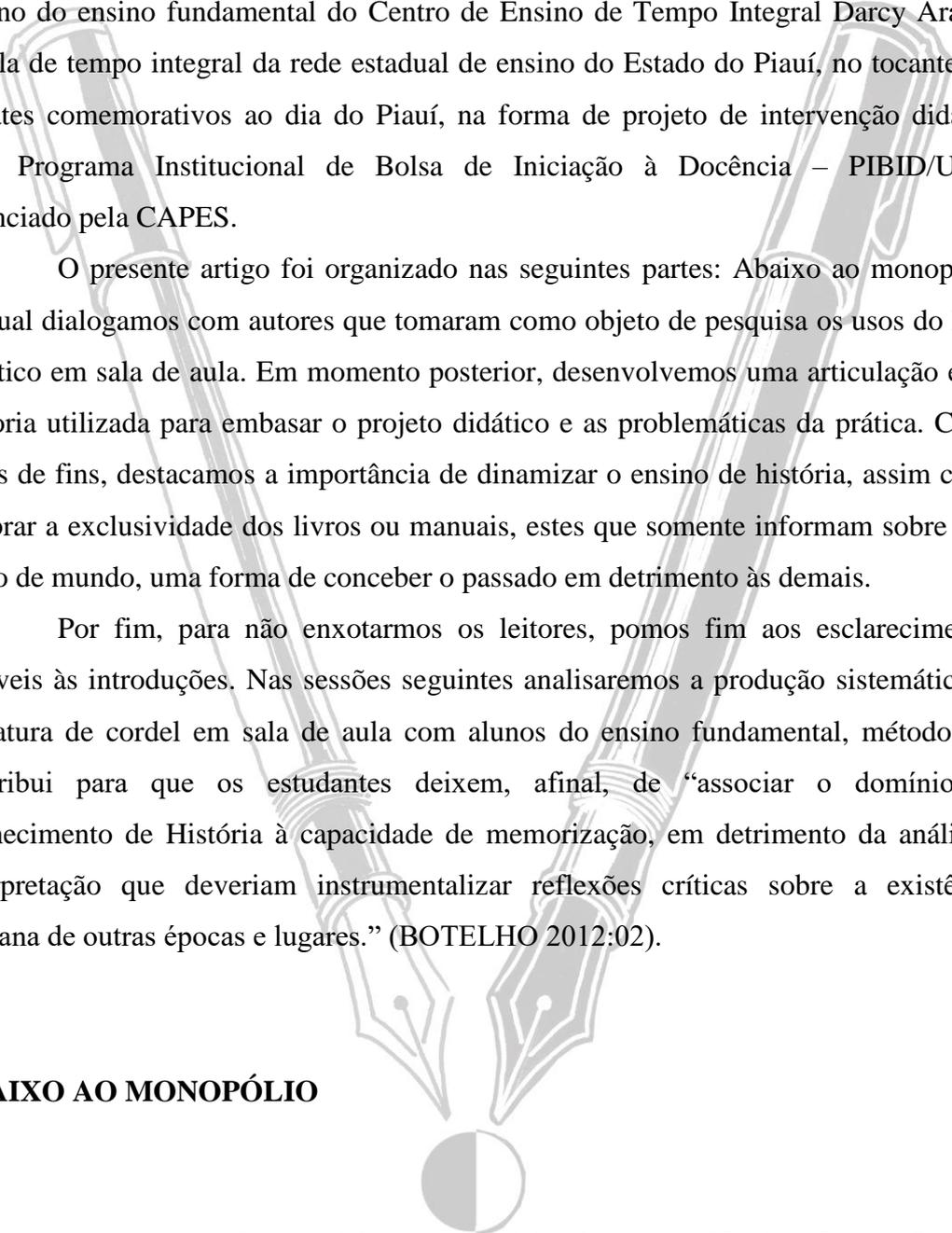
estudantes, verdadeiros pesquisadores, o que na contemporaneidade é considerado essencial, pois há uma espécie de senso comum – apesar de quase nunca aplicado – de que não existe ensino sem pesquisa, assim como pesquisa sem ensino.

Este artigo vos chega como o produto parcial de reflexões realizadas para o uso em sala de aula das ferramentas do cordel, experiência esta realizada com alunos do 7º ano do ensino fundamental do Centro de Ensino de Tempo Integral Darcy Araújo, escola de tempo integral da rede estadual de ensino do Estado do Piauí, no tocante aos debates comemorativos ao dia do Piauí, na forma de projeto de intervenção didática pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/UFPI, financiado pela CAPES.

O presente artigo foi organizado nas seguintes partes: Abaixo ao monopólio, na qual dialogamos com autores que tomaram como objeto de pesquisa os usos do livro didático em sala de aula. Em momento posterior, desenvolvemos uma articulação entre a teoria utilizada para embasar o projeto didático e as problemáticas da prática. Como notas de fins, destacamos a importância de dinamizar o ensino de história, assim como quebrar a exclusividade dos livros ou manuais, estes que somente informam sobre uma visão de mundo, uma forma de conceber o passado em detrimento às demais.

Por fim, para não exotarmos os leitores, pomos fim aos esclarecimentos cabíveis às introduções. Nas sessões seguintes analisaremos a produção sistemática de literatura de cordel em sala de aula com alunos do ensino fundamental, método que contribui para que os estudantes deixem, afinal, de “associar o domínio do conhecimento de História à capacidade de memorização, em detrimento da análise e interpretação que deveriam instrumentalizar reflexões críticas sobre a existência humana de outras épocas e lugares.” (BOTELHO 2012:02).

ABAIXO AO MONOPÓLIO



Nossos adolescentes também detestam a História. Voltam-lhe ódio entranhado e dela se vingam sempre que podem, ou decorando o mínimo de conhecimento que o ‘ponto’ exige, ou se valendo levemente da ‘cola’ para passarem nos exames. Damos ampla absolvição à juventude. A História como lhes é ensinada é, realmente, odiosa (MENDES, 1935 *apud* NADAI, 1993:01)

Antes de passarmos precisamente às reflexões sobre a metodologia proposta, acreditamos na pertinência de algumas considerações sobre o recurso mais utilizado e enraizada na educação básica há décadas, o livro didático, este que “é, de fato o principal veiculador de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros que têm acesso a educação escolar” (FONSECA 2003: 49) e está, supomos, intimamente ligado à epígrafe com a qual iniciamos esta sessão.

O manual didático resume em poucos volumes “toda” história da humanidade considerada “digna” de ser estudada, ao passo que detém, de forma consolidada, um estável patamar na hierarquia dos recursos utilizados no ensino básico. Contudo, nos últimos anos insurgiram-se fortes críticas ao seu uso, originando muitas pesquisas que lhe tomara como objeto. Muitas as análises críticas sobre o livro didático, muitas delas embasadas em pesquisas consistentes, mas que pouco parece abalar as políticas educacionais, estas que seguem sem esboçar grandes questionamentos.

Entre os manuais, diversos são os livros que trazem sucessões governamentais rigidamente datadas, com breve resumo dos principais acontecimentos “importantes”. Em outros casos, com o intuito de negar o rótulo de positivistas, segue-se pequenas narrativas baseadas em fontes pouco diversificadas. Diante de tais características, geralmente, a análise reflexiva sobre o passado, que deveria auxiliar na formação intelectual dos estudantes é substituída por tópicos que em pouco ou nada contribuem para o conhecimento sobre o passado e suas heranças.

Segundo Fonseca, quando o livro didático passou a ser adotado no Brasil durante o regime militar como uma política de estado, se transformou em um canal privilegiado para a difusão de certos saberes históricos – abordagens historiográficas –, principalmente a chamada “história tradicional” ou “positivista” e a “história nova” francesa. Em bem menor escala, encontra-se ainda nesses materiais didáticos análises fundamentadas no “materialismo histórico” e na “história social inglesa”. Além dessa pouca diversidade na perspectiva apresentada, outro ponto que Fonseca critica é a simplificação do conhecimento histórico que é divulgado por essas publicações:

A necessidade de simplificação, para alguns especialistas, tem uma função didática: auxiliar na implementação dos programas de ensino, nos planejamentos de unidade e na sequência lógica dos conteúdos. Outra função bastante difundida é a de permitir aos alunos uma visão de toda a [...] história geral difundida pelos europeus. Essa simplificação faz com que a simplificação dos temas em meros fatos

supere até mesmo a simplificação imposta pelos livros didáticos. (FONSECA 2003:52-53)

Os autores dos livros didáticos buscam, portanto, facilitar a compreensão dos estudantes da educação básica sobre o conhecimento histórico, processos estes que não raramente acarretam em deformidades analíticas, com manutenções e construções de certas memórias em detrimento de outras consideradas menos importantes, relegando a determinadas minorias e grupos vencidos o simples papel de coadjuvantes. Alguns fatos são escolhidos para estudo ao passo que outros são silenciados, isso sem que haja critérios explícitos.

Tais escolhas, não raramente, levam-nos a pensar que suas essências não estão enraizadas em um simples equívoco ou perspectiva analítica, mas, quiçá em um projeto que visa sobrepujar identidades de regiões inferiorizadas economicamente. Segundo Miceli esses desacertos:

[...] não são nem distorções, nem inocentes, mas conformam uma filosofia da História que alimenta visões de mundo e orienta práticas sociais [...] servindo para justificar não só as formas mais explícitas e abrangentes de dominação e exploração sociais, como também o combate das diferenças e o extermínio das particularidades que se manifestam até nas relações pessoais mais próximas (MICELI 2006:33)

Diante dos argumentos citados, torna-se evidente a sedução existente na proposta de extinguir definitivamente o livro didático da educação básica brasileira. No entanto, apesar do encanto, tal sugestão tende a trazer mais malefícios que benefícios, pois a História é uma disciplina que está fadada ao fracasso na ausência de leitura. O embate, antes de ter como foco principal o manual em si, deve ter o seu monopólio dentro da sala de aula e sua exclusividade como recurso de ensino.

Para tal tarefa, o mais cabível parece ser a organização e uso de textos alternativos, como livros paradidáticos e artigos de vulgarização do conhecimento científico de revistas especializadas,¹ assim como o devido planejamento visando resultados que não desemboque exclusivamente na resolução de questões em exercícios

¹ Uma revista de vulgarização científica que parece suprir em boa parte nosso anseio é a Revista de História da Biblioteca Nacional. Com edições mensais, a publicação traz dossiês temáticos com artigos de especialistas de diversas universidades, brasileiras e estrangeiras, assim como artigos de temáticas livres que se relacionam com o cotidiano dos estudantes, indicações de filmes e leituras para docentes ou discentes que pretendem aprofundar o conhecimento. Esta revista, ao ser utilizada como recurso didático, possibilita a percepção da complexidade dos processos históricos e suas diversas possibilidades interpretativas.

e provas escritas. Assim, desconstrói-se a imagem do livro didático como “senhor da verdade”, pondo-lhe sob suspeita e questionamentos explícitos perante os agentes do processo de ensino/aprendizagem.

Contudo, mostra-se inocência ou casuísmo pormos todo o ônus da atual situação da educação nos manuais didáticos, deixemos uma boa parcela para a considerável parte de professores que, devido sua desatualização, estão temporariamente na jurisdição da incapacidade de trabalharem meios alternativos, pois esses exigem o emprego da criticidade, pesquisa, conhecimento minimamente aprofundado e atualizado sobre os conteúdos vinculados.

Por fim, acreditamos que a busca por novas metodologias, como a produção de literatura de cordel pelos estudantes, pode ser eficiente para uma maneira mais eficiente de se compreender o conhecimento histórico, correspondendo assim ao pressuposto de que o livro didático é uma fonte do conhecimento histórico, portanto, como todas elas, passíveis a diversos questionamentos sobre seus conteúdos, autores e condições de produção.

ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Para trabalharmos a literatura de cordel com os estudantes do 7º ano do ensino fundamental, visando a produção deste gênero literário como resultado de um projeto didático no ensino de história para exposição nas comemorações alusivas ao dia do Piauí, 19 de Outubro, buscamos primeiramente elaborar uma proposta escrita e fundamentada, com o intuito de delimitarmos os passos a serem seguidos e os objetivos a que gostaríamos de alcançar. Para isso, tomamos como exemplo as seguintes indicações de Selva Fonseca:

O desenvolvimento de um projeto, em linhas gerais, é composto de três grandes etapas ou fases: a primeira refere-se à formulação do problema, ao planejamento, às discussões, à elaboração do projeto, à formação dos grupos. A segunda etapa é [...] as atividades, as aulas, as discussões dos resultados. A terceira fase é a da apresentação dos resultados, da globalização, da socialização dos saberes... (FONSECA 2003: 109-110)

O projeto prometia êxitos ainda nas fases de preparação por dois motivos. Primeiramente, mantemos uma posição de indiferença à concepção de que a educação básica tem como objetivo principal a simples transposição do conhecimento produzido nos meios acadêmicos; Em segundo lugar, a empreitada envolvia de forma intensa pelo menos duas áreas do conhecimento distintas, a História e a Literatura, interdisciplinaridade esta que

[...] pressupõe a integração entre os conteúdos e as metodologias de disciplinas diferentes que se propõem a trabalhar conjuntamente determinados temas. Não é uma simples fusão ou justaposição, mas uma “interpenetração” de conceitos, dados e metodologias. (FONSECA 2003:106)

Porém, mesmo estando cientes de que a interdisciplinaridade não consistia exatamente na solução para os males do ensino de história, assim como em outras disciplinas, ela é uma via para chegarmos a um possível fim do isolamento científico em que estão imersos alguns – se não a maioria – dos diversos agentes da educação básica brasileira.

Inicialmente, buscamos situar sistematicamente os estudantes sobre o projeto que seria realizado, buscando conscientizar sobre os benefícios daquela novidade e conseguir colaborações que pudessem ser incorporadas ao documento escrito. Debatesmos conceitos e características básicos da literatura de cordel, assim como tratamos a história desse gênero literário, aproximando-os dessa forma do que seria posto em prática conjuntamente nas aulas seguintes.

Houve o esclarecimento das origens da literatura de cordel, suas principais características, tipos e tipos do gênero, este que se desenvolveu na Europa durante o período histórico moderno, principalmente em Portugal, abordando diferentes teáticas. Como destaca Linhares

A literatura de Cordel teve sucesso, em Portugal, entre os séculos XVI e XVIII. Os textos podiam ser em verso ou prosa, não sendo invulgar trata-se de peças de teatro, e versavam sobre os mais variados temas. Encontram-se farsas, historietas, contos fantásticos, escritos de fundo histórico moralizantes, etc., não só de autores anônimos, mas também daqueles que, assim, viram a sua obra vendida a preço, como Gil Vicente e Antônio José da Silva, o Judeu. Exemplos conhecidos de França, A princesa Magalona, histórias de João de Calais e A Donzela Teodora. (LINHARES 2006, *apud* SANTANA e BATISTA)

Em outras partes do mundo o cordel também foi difundido. Na França, eram carregados em mochilas. Nos meios urbanos essa literatura era alastrada através dos jornais de sátiras populares ou denominada “*canard*”. É interessante observarmos que em outros países como a Inglaterra, Holanda e Alemanha os cordéis eram semelhantes aos nordestinos no tocante a forma literária escrita e visual. A colonização portuguesa foi um dos principais fatores responsáveis por trazer essa forma de manifestação cultural para o Brasil, isso em folhas esparsas e até mesmo em manuscritos. Somente depois de algum tempo, com o aparecimento das tipografias fixou-se realmente no nordeste brasileiro.

O cordel quando “desembarcou” em terras brasileiras era usado para contar histórias passadas em períodos remotos, versando sobre o amor, sobre conquistas, sobre viagens marítimas, sobre histórias de reis e rainhas, enraizadas ainda no período medieval e na mentalidade dos ouvintes. Segundo Lacerda e Neto

O cordel é um folheto com poemas rimados, que trata de temas diversos, que vão de romances, histórias de valentia, humor, oração, até aos últimos acontecimentos do dia a dia. O nome “cordel” vem da Península Ibérica [...] deve ao costume, na Espanha e Portugal, de se colocarem os livretos sobre barbantes (cordéis) estendidos, em feiras e lugares públicos, de forma semelhante à roupa em varal (LACERDA; NETO 2010: 224)

Após as incertezas, esperanças iniciais e os primeiros debates visando a compreensão dos estudantes sobre o que seria a literatura de cordel e suas principais características, houve a divisão da turma em pequenos grupos, cada qual responsável por desenvolver uma temática que seria pesquisada. As temáticas escolhidas foram: Independência do Brasil; Batalha do Jenipapo; primeira capital do Piauí; Piauí atual e escravidão no Piauí.

Sobre cada temática os grupos desenvolveram textos iniciais, que posteriormente ganharam detalhes estéticos e informações de pesquisa. Os textos, em sua maioria eram formados por três estrofes, contendo quatro versos cada. A partir destas composições, além de possibilitarmos outro tipo de envolvimento dos estudantes com os conteúdos abordados, ainda foi possível identificar as variadas formas de compreensão dos processos históricos por parte dos estudantes. Observemos um dos cordéis produzidos pelos alunos no decorrer do projeto:

Bom é nela viver

Oeiras era seu nome
Se tornou a capital
Até hoje existe
Com arquitetura colonial...

...Tem belo estilo colonial
Tudo começou do gado
Para homenagear um conde
Oeiras foi o nome de agrado

No cordel acima, percebe-se que o estudante utilizou como temática a primeira capital do Piauí, analisando rapidamente sua fundação por meio da expansão da pecuária e o fato de ser a cidade mais antiga do estado. A partir destes versos, percebemos a compreensão do conteúdo por parte do aluno, uma vez que Oeiras tem seu surgimento motivado pela criação bovina na antiga fazenda de gado Cabrobó, no vale do Riacho Mocha, quando em meados do século XVII a pecuária era empurrada pela coroa portuguesa para o interior no intuito de deixar as terras litorâneas disponíveis ao plantio da cana de açúcar.

Observamos ainda o destaque para o nome da cidade, onde só em 1761, dois anos após se tornar capital deixou de ser Vila da Mocha, passando a chamar-se Oeiras, em homenagem ao ministro português Sebastião José de Carvalho Melo, então conde de Oeiras e futuro Marquês de Pombal.

Para o desenvolvimento dos textos, distribuímos e analisamos juntamente com os estudantes textos de diferentes livros didáticos, artigos alternativos de revistas, vídeos e cordeis de diferentes temas, resultando em algumas indagações e conjecturas sobre os conteúdos. Durante as aulas, não utilizamos somente uma metodologia, tornando o debate mais dinâmico. Segundo Fonseca

[...] devem ser usadas todas estratégias necessárias para atingir os objetivos propostos: aulas expositivas, debates, leituras, vídeos, pesquisas, entrevistas e outras. O conhecimento construído vai sendo sistematizado no decorrer das ações, assim como as habilidades vão sendo desenvolvidas. (FONSECA 2003: 113)

Os estudantes desenvolveram, com a orientação dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, textos rimados sobre as temáticas que foram pesquisadas e analisadas sobre a história do Piauí, expondo-os após a confecção no pátio da unidade escolar em cordões de barbante, alguns ainda foram declamados por

seus autores. O desenvolvimento da atividade comprovou que é uma forma de estimulá-los para a história e para outras disciplinas, como já destacou Alves:

Abordar a presença da Literatura de Cordel em sala de aula implica refletir, entre outras coisas, sobre as concepções de leituras, literatura e ensino [...] Seria propor uma forma de estimular os alunos a enxergarem o que há por trás dessas produções textuais [...] Vozes essas capazes de expressar questões morais, políticas, sociais, econômicas e culturais. (ALVES, 2008. P. 108)

O projeto didático desenvolvido possibilitou algumas ponderações sobre as exigências pedagógicas contemporâneas, mostrando a obrigatoriedade de uma cansativa pesquisa sobre os conteúdos abordados e dos recursos a serem utilizados, além do aumento significativo do material a ser analisado e reescrito posteriormente. Ao desvencilharmos do manual didático como único recurso pedagógico, percebemos que os estudantes precisam, frequentemente, serem estimulados à leitura, oferecendo-lhes uma outra maneira de estudar o passado, sem a preocupação de decorar frases e argumentos com o intuito lançá-los no dia do exame mensal ou bimestral. Os discentes tiveram de absorver certos conteúdos – para muitos inéditos –, analisá-los e finalizar o processo com a transformação dessas informações em algo “novo”, em outro meio de transmitir este conhecimento.

Todos os envolvidos no projeto didático, professores, estudantes e bolsistas, tiveram de esquecer o hábito docente e discente, automatizado após anos de leitura, decoração e reprodução, de devorar materiais didáticos oficiais, tidos quase sempre como detentores da verdade, para voltar-se a leituras e análises diferentes, para transformarem-se produtores do conhecimento, exercício esse que se trata de um pressuposto metodológico:

A produção de conhecimentos como atividade docente não significa que o professor realize a soma das atividades de ensino e pesquisa, mas significa pensar o ensino como processo permanente de investigação e de descobertas individuais e coletivas. Produzir novos conhecimentos é um pressuposto metodológico que pode nortear ou não a prática docente, dependendo da visão do professor. (FONSECA 2003: 123)

Agindo dentro da atividade docente com o propósito de produzirmos saberes, negando diariamente a reprodução, contribuímos para o rompimento dos discursos que

buscam atribuir a construção e produção do conhecimento único e exclusivamente aos acadêmicos, catedráticos “neutros” e especializados.

Ao finalizarmos o projeto didático, tivemos de voltar atenção para outro ponto: a quantificação do trabalho realizado pelos estudantes. Não sabíamos como desenvolver a avaliação objetiva das atividades realizadas. Como atribuir uma nota? Deveríamos privilegiar somente o produto final e utilizar a hierarquia escolar na equação? Ou seria melhor considerarmos todo o processo e de forma coletiva, juntamente com os estudantes?

Perante as incertezas socializadas no parágrafo anterior, chegamos a conclusões não inéditas, percebendo assim que com o emprego deste procedimento, ou talvez de todo projeto pedagógico que procure dinamizar de forma sistemática o ensino, a avaliação

[...] não possui o caráter de classificação. Já não cabe mais avaliar para excluir, sentenciar, aprovar ou reprovar. A avaliação deixa de ser classificatória e passa a ser diagnóstica e processual, assumindo um caráter de globalidade. (FONSECA 2003: 115)

Com o projeto posto em prática, saltou aos olhos a certeza da tentativa, a confiança de que ensinar história é um processo de reflexão e não de esmero esforço de decoração e reprodução. Constatamos ainda uma verdadeira hostilidade dos estudantes em relação à disciplina, uma espécie de ódio encravado à um conhecimento que geralmente repassado sem finalidade, sem sentido. Contudo, resistência que pode ser dissolvida com aulas menos individualistas, guiadas por protagonistas, sem individualismos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do projeto didático realizado com os estudantes do sétimo ano do Ensino Fundamental, acreditamos que foi possível modificarmos as visões discentes sobre a história, sobre o professor e sobre os livros didáticos. Os dois últimos, provavelmente, deixaram de figurar na mentalidade daqueles discentes como senhores precisos do conhecimento sobre o passado, soberanos de saberes cristalizados.

Muitos foram os desafios, algumas vitórias e fracassos, pois cada aluno que não conseguimos estimular – provavelmente em uma parcela considerável – à reflexão significou um malogro não somente para o professor ou para a escola, mas para toda a sociedade. No entanto, os estudantes que conseguimos atingir são as provas de que nosso objetivo foi atingido, pois incitou debates e ponderações sobre conteúdos que são excluídos dos currículos educacionais oficiais, desta forma, omitidos na realidade escolar local.

As experiências com os estudantes durante a confecção dos cordeis garantiram a sobrevivência da certeza de que as vivências do passado são capazes de envolver a juventude, tal quanto os conhecimentos divulgados por disciplinas exatas e pontos biológicos. Aprendemos que assim como alguma coisa desenvolve-se em chumaços de algodão, não estamos como os profetas da antiguidade, pregando no deserto, em solo infértil.

Portanto, para um fim de “conversa”, o cordel e sua produção, trabalhados com alunos de forma sistemática são defendidos por nós como forma de envolver pesquisa e curiosidade, transforma estudantes e professores em reais agentes do processo de ensino e liberta-os do costume pernicioso de repetir disciplinadamente os preceitos contidos nos livros didáticos. Uma dose de ousadia no cotidiano escolar, uma subversão da hierarquia do conhecimento e dos procedimentos de ensino que sem inovações metodológicas, estão esgotados, capengas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. *Revista Fórum Identidades*. ano 2, v. 4, p. 103-109, jul-dez. 2008. Disponível em: <200.17.141.110/.../revista.../SESSAO_L_FORUM_Pg_103_109.pdf>. Acesso em: 29/11/2013.

BOTELHO, Denílson. A primeira república na sala de aula: aprendendo história com processos criminais. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, ano 9, n. 1, jan-abri. 2012. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br/PDF28/Artigo_5_Denilson_Botelho.pdf> Acesso em: 12/06/2013.

CABRINI, Conceição. *Ensino de história: revisão urgente*. São Paulo: EDUSC, 2000.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

LACERDA, Franciane Gama; NETO, Geraldo Magella de Menezes. Ensino e pesquisa em história: a literatura de cordel na sala de aula. *Revista Outros Tempos*, n. 10, dez. 2010. Disponível em: <www.outrostempos.uema.br/.../Franciane_Gama_Geraldo.pdf>. Acesso em: 27/09/2013.

SANTANA, Bruna B. S.; BATISTA, Raimunda B. Literatura de cordel: Interdisciplinaridade em sala de aula. *Revista Boitata*, v. 4, 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/boitata/Volume42007/Artigo%20Bruna%20e%20Raimunda>>. Acesso em 27/09/2013.

MICELI, Paulo. Por outras histórias do Brasil. PINSK, Jaime (Org.). In: *Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 31-42.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 99/ago. 93. Disponível em: <www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=30596>. Acesso em: 29/11/2013.